

# PELO MUNDO

CRISTINA RUIZ-KELLERSMANN, de Berlim

## Peladões

No auge do verão é bastante comum ver corpos nus expostos ao sol em praias e lagos nos arredores de Berlim. Cenas de gente pelada em saunas, piscinas e parques urbanos também fazem parte do cenário local. Para o berlinense, não tem tempo ruim. Tirar a roupa em dias mais frescos, com o termômetro em torno de 20 graus, para praticar nudismo e naturismo, não é problema. Esclarecendo: o adepto do nudismo é aquele que simplesmente não tem vergonha de se despir na frente de outras pessoas, em lugar fechado ou aberto. Já o naturismo é mais complexo. É uma filosofia de vida. Em toda a Alemanha existem áreas demarcadas para os seguidores da FKK (Freikörperkultur), sigla que em português significa "cultura do corpo livre". Essas áreas são levadas a sério. Estar vestido num local com placa FKK pode ser motivo de confusão.

Logo que cheguei à Alemanha, em 1995, passei por uma experiência bizarra. Fui com uma amiga que estava de visita tomar banho de sol em um parque da cidade e nos alojamos na área de nudismo. Após algumas horas, saímos para comprar algo para comer e beber. Na volta, empolgadas com o papo, esquecemos de tirar a roupa. Para quê? Em questão de minutos, um senhor em torno de 65 anos se aproximou, peladão, e começou a falar sem parar. Eu, recém-chegada, não entendia direito, mas logo percebi que ele estava chamando a nossa atenção porque estávamos vestidas em uma área do parque reservada aos praticantes da FKK. Acharmos graça da situação.

Na verdade, nudismo na Alemanha não é novidade. Este hábito surgiu no fim do século XIX como um desejo de retorno à natureza. A rápida mudança da sociedade, a urbanização e a industrialização desencadearam o movimento chamado Lebensreform ("reforma da vida").

Em 1898, surgiu o primeiro clube de FKK, na cidade de Essen. Anos depois, em 1920, foi criada a primeira praia de nudismo da Alemanha, na ilha de Sylt. Mas foi a partir de Berlim que o movimento naturista se expandiu para o resto da Europa e depois para o mundo. Ainda no início da década de XX, surgiu o campo de nudismo Märchenwiese — algo como "campo dos contos de fada" —, situado à beira do lago Motzen, ao sul de Berlim. O local se tornou tão popular que na época havia uma conexão direta de trem entre Hermannplatz e Motzen, que funcionou até os anos 60.

Nos primeiros anos da Segunda Guerra, algumas pessoas que tinham cabanas privadas ficaram morando ali, julgando estarem mais protegidas dos bombardeios. Mas Märchenwiese não resistiu à guerra e teve que ser reconstruído. Muitos membros da primeira geração do movimento, homens e mulheres hoje na faixa dos 90 anos, assim como as gerações posteriores, ainda residem no local, um dos mais tradicionais e maiores campos de FKK na região de Brandemburgo.

Em 1933, o partido nazista proibiu o nudismo e dissolveu as duas associações existentes (uma burguesa e outra da classe trabalhadora), englobando-as em organizações desportivas do partido. A partir de 1936, ainda que oficialmente seguisse proibido, o nudismo passou a ser

tolerado. Em 1942, os nazistas promulgaram uma lei autorizando o banho nu, em casos especiais e fora da vista de terceiros. Os seguidores da FKK voltaram a se organizar, gradativamente, após a Segunda Guerra.

Nos anos 70, o movimento FKK estava disseminado na RDA, a Alemanha Oriental, sem necessidade de estruturas especiais. Até porque a circunstância política, com o comunismo em vigor, não permitia a fundação de associações. Andar nu na RDA era perfeitamente natural. Com a queda do muro, os nudistas passaram a sofrer restrições: vizinhos do lado ocidental, incomodados, forçaram o retorno das áreas específicas para a prática da FKK. Mas isto não quer dizer que não existia FKK na antiga Alemanha Ocidental. A diferença é que ali o naturismo era praticado em ambientes reservados.

Hoje, existem mais de 160 associações de praticantes da FKK na Alemanha, com um registro de sócios estimado em 60 mil. É difícil afirmar o número exato dos pelados no país, porque muitos não

estão filiados a nenhuma associação. Contudo, estima-se que sete milhões de pessoas praticam o nudismo na Alemanha e que dos 600 mil turistas que visitam a ilha de Sylt, anualmente, 250 mil praticam o nudismo.

Com carteirinha ou sem carteirinha da FKK, as opiniões são divergentes. Há quem diga que as entidades estão perdendo associados, outros, que o movimento está crescendo. Para Arnold Jansen, dentista alemão, ex-presidente da associação que administra o Märchenwiese, onde reside com a família, a ideologia da FKK não está ultrapassada, ao contrário: "A cultura do corpo livre está mais atual do que nunca. Num mundo cheio de regras, com falta de espaço livre para as crianças na cidade, a vida virtual cada vez mais transparente e o corpo mais coberto, a falta de se mover e de fazer esporte na natureza, discutir sobre o racionalismo e conservadorismo na sociedade, tudo isso ajuda a manter o movimento vivo."

Para quem gosta de caminhadas nas montanhas, deixo uma dica: o *nacktwandern* ("caminhar nu") — nova tendência do esporte ao ar livre. Os interessados precisam de preparo físico, pois o percurso da caminhada tem entre 15 e 20 quilômetros. Andar pelado pode ser muito agradável; só é necessário um bom tênis e uma mochila.

Estima-se  
que sete  
milhões  
de pessoas  
praticam  
o nudismo  
na Alemanha

SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA	SÁBADO	DOMINGO
Felipe Hirsch	PELO MUNDO Rodrigo Pinto, de Londres Cristina Ruiz, de Berlim	Francisco Bosco	PELO MUNDO Eduardo Graça, de Nova York Eduardo Levy, de Los Angeles	Hermano Vianna	José Miguel Wisnik	Caetano Veloso